



Quando o SNS é de primeira para uns e de corredor para outros

Publicado em 2025-12-04 11:13:40



BOX DE FACTOS

- O Presidente da República sentiu dores numa deslocação a norte e foi internado no Hospital de São João, no Porto.
- Diagnóstico: hérnia encarcerada – uma verdadeira urgência cirúrgica, resolvida com prontidão exemplar.
- Marcelo Rebelo de Sousa foi operado rapidamente, com evolução favorável e alta em poucos dias.



O Presidente operado, o povo à espera

Enquanto o Presidente entra, é avaliado e operado com a urgência que a medicina recomenda, um país inteiro continua à espera numa sala invisível: a da promessa constitucional de igualdade no acesso à saúde.

Há imagens que valem por um tratado de ciência política. O Presidente da República, de bata hospitalar, rodeado por médicos e gestores do Hospital de São João, sorrisos de missão cumprida, declara perante as câmaras: o Serviço Nacional de Saúde é uma conquista inestimável da democracia. E, por instantes, parece que Portugal funciona.

Do ponto de vista clínico, nada a apontar – bem pelo contrário. Uma hérnia encarcerada é uma urgência séria, que exige intervenção rápida para evitar complicações graves. Foi isso que o SNS fez: diagnosticou depressa, operou depressa, acompanhou com rigor, deu alta em segurança. Como deve ser. O problema não está na



poder, outra para o povo

Oficialmente, a triagem é igual para todos. Na lei, na Constituição, nos discursos de ocasião, a prioridade é a gravidade clínica e nada mais. Na prática, porém, há uma segunda triagem – silenciosa, não escrita, estrutural: a do estatuto, do cargo, do impacto mediático que um atraso teria.

Quando a dor é de um Presidente, há sempre vaga, equipa, atenção, cautela. O sistema afina-se, acelera, concentra recursos, mobiliza o que for preciso. O relógio do SNS transforma-se em cronómetro suíço.

Quando a dor é de um anónimo, o mesmo sistema – com os mesmos profissionais exaustos – passa, muitas vezes, a relógio avariado: meses à espera por consulta de especialidade, cirurgias sucessivamente adiadas, exames que se arrastam, urgências que rebentam pelas costuras com macas alinhadas em fila, como se o corredor fosse uma extensão natural da enfermaria.

Não se trata de culpar a equipa médica que tratou o Presidente – fez exactamente o que deve ser feito em



O elogio ao SNS e a ironia brutal da realidade

Ao agradecer publicamente ao hospital e aos seus profissionais, Marcelo Rebelo de Sousa usou palavras justas. O SNS é, de facto, uma das maiores criações da democracia portuguesa. Sem ele, a maioria dos portugueses estaria entregue às seguradoras, ao crédito e à caridade.

Mas há uma ironia que se crava como agulha: enquanto o chefe de Estado exalta a “função inestimável” do SNS, milhares de utentes assistem à cena com uma pergunta muda na garganta: **onde estava esse relógio perfeito quando foi a minha vez?**

Onde estava a urgência quando alguém esperou dois anos por uma consulta de cardiologia? Onde estava a prontidão quando uma cirurgia considerada “não prioritária” é adiada pela terceira vez? Onde estava a grande conquista da democracia quando um doente oncológico se vê a saltar entre hospitais, papéis e telefonemas em busca de um exame que não chega?



SNS: sustentado por heróis, sabotado por décadas de gestão medíocre

O que funcionou bem no caso do Presidente não foi a burocracia, nem a visão estratégica, nem os sucessivos “planos de emergência” anunciados em conferências de imprensa. O que funcionou foi o de sempre: a competência teimosa de médicos, enfermeiros, auxiliares, técnicos, gente que insiste em fazer bem, mesmo num sistema maltratado.

O SNS tem sido violentado por décadas de subfinanciamento crónico, decisões erráticas, reformas pela metade, dependência crescente de prestadores privados e fuga de profissionais para fora do país ou para o sector lucrativo. O discurso é o da “defesa do SNS”; a prática é a da erosão silenciosa, corte a corte, turno a turno, concurso que não abre, vaga que não se preenche.

O Presidente entra, é tratado e sai em segurança – e ainda bem. Mas, ao fundo do corredor, permanecem as macas, os utentes que não aparecem nas televisões, os



realidade sem câmara, que transforma um episódio clínico bem resolvido num espelho implacável da desigualdade estrutural.

A igualdade não é um slogan clínico, é uma decisão política

A doença não pergunta profissão, salário ou notoriedade. O corpo humano não sabe quem é Presidente, quem é caixa de supermercado, quem é reformado a contar moedas. Mas o sistema – esse organismo abstracto feito de decisões orçamentais, prioridades políticas e agendas escondidas – sabe muito bem onde estão os “casos sensíveis”.

Quando se diz que o SNS é universal, geral e tendencialmente gratuito, há uma promessa que não pode ser apenas poética: a de que o tempo de resposta não dependerá do nome que consta no cartão do cidadão.

Se o Presidente teve, como deve ter, resposta imediata e exemplar, então a consequência lógica seria clara: fazer do caso Marcelo a bitola de referência para todos os



reorganizar serviços, enfrentar interesses instalados, integrar de forma inteligente o sector privado sem transformar o SNS num mero filtro de doentes complexos e pobres. Implicaria tratar a saúde como pilar de soberania e dignidade social – e não como rubrica chata de um orçamento qualquer.

O Presidente como doente ilustre e o povo como estatística

Há um valor pedagógico em ver o Presidente ser tratado num hospital público: é um sinal de que o SNS, apesar de tudo, ainda é espaço de confiança institucional. É saudável que o chefe de Estado não fuja para uma clínica de luxo discreta, escondida no silêncio das facturas que poucos podem pagar.

Mas seria ainda mais pedagógicovê-lo usar este episódio como ponto de viragem: fazer da sua própria experiência de doente ilustre o ponto de partida para uma intervenção firme, constante, incómoda, em defesa de mudanças reais no sistema. Não apenas elogios, mas exigência.



conduzem a agravos, demoras, sequelas evitáveis.

A linha que separa a dignidade plena do cidadão da mera sobrevivência burocrática é feita deste tipo de detalhes: quem entra pela porta da frente, com corredor aberto, e quem fica preso na sala de espera da eternidade administrativa.

Um país mede-se pela forma como trata a dor anónima

No dia em que a hérnia do Presidente foi operada, quantas outras dores ficaram suspensas em silêncio? Quantos exames foram adiados por falta de equipamento? Quantas consultas foram remarcadas porque o médico se demitiu, emigrou ou simplesmente não aguenta mais turnos de guerra?

Um país não se mede pela rapidez com que trata o seu chefe de Estado – essa rapidez é obrigatória, quase óbvia. Mede-se, sim, pela forma como protege a dor anónima, quotidiana, sem holofotes. Pela forma como trata o cidadão sem nome sonante, mas com o mesmo direito constitucional à saúde.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

resistência para a maioria.

O Presidente já saiu do hospital. O povo, esse, continua na sala de espera – à espera de que alguém leve a sério, não a sua hérnia, mas a ruptura profunda de um sistema que não pode viver eternamente da heroicidade dos seus profissionais e da resignação dos seus doentes.

A verdadeira alta clínica do SNS não virá de um comunicado de imprensa, mas do dia em que a frase “funcionou para o Presidente” seja indistinguível de “funcionou para todos”.

Texto de **Aletheia Veritas** em coautoria com **Francisco Gonçalves**, publicado em parceria com o projecto **Fragmentos do Caos**.

Esta crónica integra a série contínua de reflexão crítica sobre o estado da democracia portuguesa, o serviço público e a dignidade dos cidadãos na era da mediocridade institucional.

[leia]



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)